

**“Eu venho tentando melhorar a minha fala. Acredito que pela fala eu posso sofrer um pouco de preconceito”:** é preciso falar “como homem” para ser professor?

Joanderson de Oliveira Gomes<sup>1</sup>  
Joseval dos Reis Miranda<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é fruto de uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB. Para feitura deste trabalho, detemos o nosso olhar sobre as narrativas de um professor gay que atua na cidade de Mamanguape, interior paraibano. Nosso interesse consiste em compreender como tem ocorrido o trânsito de um docente que não se alinha ao padrão de masculinidade hegemônica dentro do âmbito educativo e, desse modo, como ele tem se constituído dentro desse espaço. O estudo sinaliza a forte presença da heteronormatividade no âmbito educativo e a importância da ampliação de investigações que tencionem problematizar as normativas das quais os nossos corpos tendem a ser alvo.

**Palavras-chave:** Professor gay; Homossexualidade; Narrativas.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Pedagogo pela Universidade Federal da Paraíba - (UFPB). Professor do Núcleo de Educação a Distância da Faculdade Três Marias - (NEAD/FTM). joandersonoliveira@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília - (UnB), Pedagogo pela Universidade do Estado da Bahia - (UNEB). Professor da Universidade Federal da Paraíba. josevalmiranda@yahoo.com.br.

## Introdução

*“Agora é a hora de tomar as cordas de volta e dizer:  
Pode parar, reseta! Mas Deus fala que não pode mais.  
Ele diz: Já meti esse arco-íris aí.  
Se eu pudesse, matava tudo e começava tudo de novo.  
Mas, prometi que não posso, agora tá com vocês.  
Deixou todo o trabalho sujo para nós. [...]”  
Nas paradas homens e mulheres nuas,  
com seus órgãos genitais expostos,  
dançando na frente de crianças. Aí você horroriza.  
Essa porta foi aberta quando tratamos  
como normal aquilo que a bíblia já condena.”  
André Valadão<sup>3</sup>*

Este texto é derivado de uma dissertação, (Gomes, 2023), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB), a qual analisou as narrativas de seis professores gays do interior paraibano a respeito de suas vivências enquanto docentes, além dos atravessamentos que vivenciam/vivenciaram em seu cotidiano. Via de regra, ser um professor homossexual traz algumas demandas/cobranças que o singularizam em relação a um professor heterossexual.

A provocação em nosso título parte da necessidade de refletirmos sobre os elementos que são cobrados e exigidos do/a docente no exercício da sua profissão. Nesse sentido, as questões referentes à sexualidade, que atravessam o processo de pertencimento profissional e de constituição do/a professor/a, não podem ser desconsideradas. Isto porque, em geral, a sociedade espera uma postura supostamente adequada ao gênero que nos foi designado desde o berço, afinal, há uma

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://www.uai.com.br/app/entretenimento/trends/2023/07/14/not-trends.326801/andre-valadao-e-questio-nado-sobre-prisao-e-discute-com-seguidor-nas-redes.shtml>. Acesso em 17 jul. 2023.

cobrança/expectativa de que todos/as sejam heterossexuais: essa é a norma, o que Butler (2022) chama de heterossexualidade compulsória.

A epígrafe com a qual iniciamos nossa escrita foi verbalizada pelo líder religioso André Valadão no domingo, 03/06/2023, durante a realização de um culto intitulado “Teoria da Conspiração – Censura Não”. Em meio à sua pregação, ele teceu considerações homofóbicas contra a população LGBTQIA+. Segundo ele, é necessário resetar, ou seja, começar de novo o projeto da humanidade – projeto esse que não comporta corpos dissidentes, que apenas aceitam heterossexuais. O ideal seria matar todos, mas Deus não pode mais fazê-lo. Por isso, conforme o religioso, o trabalho sujo ficou para seus seguidores.

Embora sua fala não seja tomada como um objeto de análise neste trabalho, a mencionamos como forma de elucidar um cenário social que ainda luta pelo fim da diversidade e que reivindica o direito à suposta normalidade da heterossexualidade como ideal e regra a ser seguido por todos/as. Nas vias extremas do apelo aos fiéis de sua igreja, o religioso faz referência ao perigo de ter, no espaço público, pessoas que não estejam de acordo com os padrões heteronormativos. Seria preciso corrigir, punir. A narrativa de André Valadão é um convite para refletirmos sobre a importância de estudos e pesquisas que versem acerca dos/das indivíduos/as não heterossexuais como forma de afirmação e valorização das diferenças.

Nessa direção, Pochay e Nardi (2023) sinalizam que uma das consequências do forte avanço do conservadorismo, nos últimos anos, tem sido a propagação de discursos de ódio e aversão à diversidade. O caso do líder religioso, anteriormente citado, não se configura como um dado isolado, mas pertence a um projeto muito maior de cerceamento à luta por um espaço mais inclusivo a todas as pessoas. Nos termos de Albuquerque Júnior (2020, p. 261), “o corpo é, portanto, um artefato, uma construção humana. Para fabricarmos um corpo humano é preciso bem mais do que carnes. [...] precisamos de um conceito, de um modelo, de um projeto [...]”.

Vivemos em um espaço social marcado pela heteronormatividade. Embora tenhamos avanços importantes e dignos de serem celebrados, corpos gays ainda são afligidos por discursos que visam silenciá-los e segregá-los do espaço público. A escola não está isenta dessas questões, configurando-se como um ambiente muito difícil para que alguém se afirme como não heterossexual. Nas pesquisas realizadas por Junqueira (2010; 2022), Gomes e Miranda (2022), Lima, Santos e Gomes (2022) e Marques Júnior (2022), por exemplo, nota-se o quanto o espaço educativo ainda privilegia e, em certa medida, celebra a heterossexualidade.

Desse modo, ser um professor homem e gay implica vivenciar uma série de cobranças que atravessam o cotidiano e que dizem sobre um modo específico de masculinidade. Aqueles que não reproduzem tal modelo tendem a ser considerados uma classe inferior: em uma escala, seriam tidos como “menos homens” ou como aqueles que renunciaram à própria masculinidade (Eribon, 2008). São sujeitos que rompem com o ideal de masculinidade hegemônica, entendido por Connell e Messerschmidt (2013, p. 245) como um padrão de práticas e expectativas que é imposto e cobrado cotidianamente a todos os homens: “[...] ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela [...]”.

Para este artigo, elencamos, como objetivo geral, compreender como tem ocorrido o trânsito de um docente que se não se alinha ao padrão de masculinidade hegemônica dentro do espaço educativo. Já no que se refere aos objetivos específicos, pretendemos: a) inferir as estratégias desenvolvidas pelo professor gay em seu cotidiano; e b) analisar como o ambiente educativo vem contribuindo (ou não) para o fomento de um espaço mais inclusivo à diversidade.

O texto segue organizado com uma breve reflexão a respeito do campo das masculinidades e de como elas têm se apresentado na atualidade. Seguimos então para os procedimentos metodológicos e as ferramentas acionadas para geração dos dados

analisados. Em continuidade, apresentamos as inferências e os dados revelados pela pesquisa desenvolvida.

### **Reflexões sobre a masculinidade**

O que é ser homem? Ao realizarmos essa indagação, todo um imaginário social de atributos que foram associados ao sujeito masculino (leia-se: aquele que biologicamente nasceu com um pênis) começa a ser desenhado. Talvez a ideia de virilidade, falar grosso e não demonstrar sentimentos sejam as primeiras imagens a serem evocadas em um ideário social que, via de regra, está associado a uma percepção heteronormativa do viver em sociedade. A pergunta, no entanto, apenas pode ser respondida se a contextualizarmos, afinal, a dimensão do que é ser homem passa inevitavelmente por processos culturais que apenas são passíveis de compreensão quando situados historicamente.

As figuras masculinas dos povos originários, por exemplo, não tinham qualquer relação com o ideal de masculinidade dos portugueses que invadiram as terras brasileiras. Trevisan (2018), ao refletir sobre a questão das homossexualidades dentro desse percurso histórico, menciona o estarcimento da elite lusófona ao se deparar com o contexto cultural e com a forma como se davam as relações entre homens e mulheres. E, ao constatarem a divergência entre os dois povos, pressupõem que é preciso educar os povos originários dentro dos princípios e da moral religiosa europeia que eram comuns à cultura portuguesa.

Nessa mesma linha de pensamento, Silva Júnior (2022) compreende que falar sobre as questões da masculinidade implica pensar no pertencimento criado por grupos, pessoas e comunidades que, a seu modo, elaboram normas, regras e atribuições que são designadas a cada um/a. Dito de outro modo, a masculinidade é constituída cultural e socialmente, sendo mediada pelas relações humanas, não se tratando, portanto, de algo dado apenas biologicamente ou por inspiração divina.

Em conformidade com essa discussão, Connell (1995) compreende a masculinidade como a configuração de uma prática que se dá em torno de um ideal de sujeito – ideal este que se constitui a partir das relações de gênero existentes na estrutura de uma determinada sociedade. Para a autora, existe mais de uma configuração dentro da ordem de gênero instituída socialmente, sendo mais adequado falarmos em masculinidades: “nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentidos apropriados para os homens” (Connell, 1995, p. 190).

A partir desse entendimento, é possível compreendermos como cotidianamente somos ensinados/as sobre o que é ser homem. Desde o corte de cabelo até o tom da voz, todas as nossas ações são convidadas a um ideal de normalidade que se alinha ao padrão de masculinidade heterossexual, tomado como único e parâmetro que todos/as devem seguir (Silva, 2021). As dimensões de macho e fêmea, que são apresentadas socialmente como dadas e naturais, são entendidas por Albuquerque Júnior (2020) como categorias culturais, conceitos construídos e alinhados nos acordos sociais que historicamente foram sendo estabelecidos e, “[...] muitas vezes, naturalizados, dado o grau de ancestralidade, de antiguidade, de tradicionalidade que possuem” (Albuquerque Júnior, 2020, p. 262).

Tais categorias vêm se perpetuando através da história, disciplinando os corpos a se adequarem ao que se espera socialmente deles/as. E, desse modo, marginalizam todo e qualquer corpo que, de algum modo, burle essa normativa. Com o discurso de uma heterossexualidade compulsória, que é desejada e esperada no espaço social, grupos mais conservadores, fundamentalistas e religiosos frequentemente reivindicam a existência de uma única forma de expressão da sexualidade humana, a saber, a heterossexual.

Assim, corpos masculinos que performam sua existência dentro do que culturalmente se entende como atributos femininos tendem a ser atacados e criticados por representarem e viverem um “erro” que, como tal, precisa ser corrigido para que voltem ao que se entende como normalidade. Para esses grupos, nossos corpos devem



ser distribuídos dentro de uma visão binária dos sexos em que, a partir do órgão genital, os corpos humanos passam a ser rotulados: “é macho” ou “é fêmea”. Tal disposição implicará uma série de cobranças, expectativas e exigências sobre tais corpos, além de todo um discurso performativo que os convida ao padrão esperado.

Desse modo, a masculinidade se refere a um conjunto de comportamentos e de papéis sociais que historicamente vêm sendo atribuídos à figura masculina, os quais são apresentados sempre como algo naturalizado (Pinho, 2022). Além disso, há uma série de expectativas que nem sempre podem ser atendidas pelos sujeitos, sobretudo aqueles que se desviam da norma e constroem modos outros, igualmente legítimos, de vivenciarem suas vidas. Vale ressaltar que esse modo de “ser homem”, embora naturalizado e apresentado como dado, pronto e inquestionável, vem variando ao longo do percurso histórico e se manifesta desde as vestimentas, as formas de se expressar e também junto às relações estabelecidas no espaço público.

### **Metodologia**

Enquanto caminhos metodológicos, optamos pela pesquisa narrativa, sinalizada por Clandinin e Connelly (2015) como a possibilidade de se trabalhar com as experiências, com o ato narrado, com histórias vividas e contadas, com as marcas construídas dia após dia. Para Abrahão (2003), trata-se de um método no qual a narração se constitui entre pesquisador e entrevistado, de modo que o eu pessoal e o eu social estão em constante diálogo.

Conforme Paiva (2008, p. 3), a pesquisa narrativa “pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno”. Através do ato narrado, é possível termos acesso a contextos históricos e culturais que, de modos diversos, afetam os/as sujeitos/as que narram e rememoram as suas experiências e como eles/as lidam/lidaram com elas.

Para realização da entrevista, foi elaborado um roteiro que visava nortear o diálogo, não o engendrando, mas como um estímulo que fizesse o professor lembrar a sua experiência enquanto um docente gay. A seu pedido, a entrevista foi realizada apenas via whatsapp<sup>4</sup>, por ele ter receio de ser visto falando sobre essa temática, considerando que sua identidade sexual é algo guardado apenas para si e pessoas muito próximas, não sendo verbalizada ou compartilhada no espaço escolar em que atua. Frente a essa necessidade, recorreremos ainda ao método de entrevista online, compreendida por Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020), como uma ferramenta que possibilita uma maior abrangência geográfica, permitindo uma maior flexibilidade para realização dos encontros e a geração dos dados.

### **O que a pesquisa revelou**

O professor Ricardo<sup>5</sup> possui 23 anos e atua como professor de geografia em uma escola pública do município de Mamanguape, PB. Realizamos a entrevista com ele em setembro de 2022. À época, ele lecionava há pouco tempo na instituição, cerca de três meses. Em nosso diálogo, que aconteceu apenas por trocas de mensagens devido ao receio que ele tinha, que de algum modo, fosse exposto. O docente começa narrando sua vida pessoal. Ele menciona o fato de que apenas sua irmã sabe sobre sua identidade sexual: “[...] os demais membros uns sabem e outros não sabem. Todos gostam de mim. Não sei como vai ser a reação quando eu me assumir de verdade<sup>6</sup>”.

Notamos, já em suas primeiras falas, o receio de ser descoberto, o medo de não saber a reação do/a outro/a, fato este que é comum na vida de muitos/as que fogem ao

---

<sup>4</sup> WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp> Acesso em 09 jul. 2023.

<sup>5</sup> Nome fictício para preservar a identidade do professor.

<sup>6</sup> Ao longo do artigo faremos uso do itálico para distinguir as falas do professor Ricardo na escrita do texto.



padrão esperado de heterossexualidade, o que se configura como “[...] um tipo de violência simbólica que se exerce sobre aqueles que amam o mesmo sexo [...]” (Eribon, 2008, p. 17). Em sequência, indagamos sobre o exercício profissional, se as pessoas sabem e se, de algum modo, ele sofreu algum tipo de discriminação. Em sua narrativa, Ricardo sinaliza nuances das estratégias que vem usando.

“No meu departamento foi e vem sendo tranquilo até agora, e também eu sou muito na minha, não demonstro que eu sou gay e tal, por mais que eu tenha ‘ferramentas’”. Não demonstrar, não deixar transparecer que sua existência foge ao esperado, tem sido uma estratégia utilizada por muitos homens e muitas mulheres homossexuais frente às cobranças para corresponder ao gênero que lhe foi designado desde o seu nascimento. Para Butler (2022), é dentro dessa lógica que o humano tende a ser reconhecido, isto é, com a expectativa que ele/a se alinhe a um conjunto de normas heterossexuais. Não seguir esse padrão pode tornar o reconhecimento dessas pessoas “[...] como menos humanas, e essa forma de conhecimento qualificado não conduz a uma vida vivível. Algumas sequer são reconhecidas como humanas [...]” (Butler, 2022, p. 13).

Ao mencionar que possui “ferramentas”, o professor Ricardo está fazendo referência a uma série de normativas que visam regular os gêneros e que elaboram todo um arsenal de modos possíveis de sermos homens e mulheres, de acordo com uma concepção heteronormativa do espaço social. É possível que o docente transite em alguns momentos de seu dia a dia muito próximo do que comumente é associado ao universo feminino, sendo neste lugar que a norma o cobra, o vigia e assevera o risco de apresentar-se distante daquilo o que supostamente cabe ao corpo masculino.

A esse respeito, Butler (2022, p. 75) alerta que, ao entendermos o gênero enquanto uma norma, não estamos afirmando que seja uma regra ou uma lei da qual todos/as são obrigados/as a se submeterem. Pensarmos em gênero como uma norma relaciona-se com o fato de que ela “opera dentro das práticas sociais como o padrão implícito de normalização”. Dito de outro modo, mesmo que exista a burla à norma, e

que os/as indivíduos/as consigam construir modos outros de existência, essa frequência normativa permanece sendo propagada e divulgada como a regra, de modo que todas as demais devem se constituir na marginalidade que lhes sobra.

Podemos supor, a partir da narrativa do professor, que talvez a condição para que o seu trânsito esteja “sendo tranquilo” tenha relação com o fato dele não “demonstrar” que é gay, ou seja, transitar conforme espera a norma. Isto nos leva de volta à questão das masculinidades entendidas como a configuração de uma prática que, performativamente e de forma reiterada, sinaliza o que condiz a alguém do sexo masculino (Connell, 1995; Butler, 2022) – isto é, afastar-se de tudo o que se assemelha ao universo feminino.

Em continuidade, ele menciona que as questões sobre sexualidades e gêneros, dentro da escola, são comentadas apenas entre seus pares que também se identificam como gays: “[...] percebe-se que todos passam pela mesma coisa. O medo e tal da sociedade. E graças a Deus não fui discriminado”. Essa proteção que se constrói em torno do silêncio sobre a própria sexualidade não é incomum em vidas homossexuais. Desde cedo, somos apresentados/as e convidados/as a nos portarmos como os homens e as mulheres que esperam que sejamos, alinhados/as ao ideal de vida heterossexual.

Nessa direção, Trevisan (2018) e Eribon (2008) refletem sobre o ato de dizer ou não, afirmar-se ou permanecer em silêncio – essa decisão que, em algum momento, pessoas não heterossexuais precisam tomar, faz com que esses sujeitos construam formas de dissociarem suas vidas, performando, muitas vezes, ações que lhe são cobradas a partir do seu gênero. “No Nordeste, onde o machismo pode criar situações trágicas, surpreende o número de homens casados e com vida sexual dupla”, afirma Trevisan (2018, p. 55). São sujeitos que, para se adequarem socialmente, vivem às sombras. Estes modos de existir têm sua origem em uma sociedade pautada pela heteronormatividade.

Importante ressaltarmos que, ao discutirmos a questão em tela, não estamos levantando uma bandeira de certo ou errado, ou mesmo afirmando que a pessoa não

heterossexual precise obrigatoriamente trazer sua identidade sexual a público. Entendemos que dizer ou não diz respeito às vidas individuais. O que nos interessa tensionar é o contexto heteronormativo, que coloca, quem foge a essa normativa, na posição de ter que decidir se conta ou não, bem como de pensar nas implicações que tal decisão pode ter sobre suas vidas. Por exemplo, podemos citar a fala inicial do professor Ricardo, que não sabe qual será a reação da sua família ao descobrir.

Concordamos com Butler (2022, p. 23) quando ela afirma que “o mais importante é parar de legislar para todas as vidas o que é vivível apenas para algumas, assim como proscrever para todas as vidas o que é invível para algumas”. Desse modo, nossa crítica vai em direção às exigências socialmente impostas que cobram um determinado comportamento de homens e mulheres, os quais são alinhados a uma visão binária das sexualidades, desconsiderando os contextos históricos, culturais e sociais nos quais todos/as estão inseridos/as.

As nuances que perpassam a fala do professor Ricardo nos fazem refletir sobre o espaço educativo no qual ele atua, na perspectiva de pensarmos o que tem sido feito dentro (e fora) dos muros escolares para potencializar o respeito e a valorização das diferenças. Naturalmente não podemos desconsiderar o pouco tempo de atuação do docente entrevistado, uma vez que ele pode estar ainda em processo de se entender em um ambiente de trabalho relativamente novo como homem, docente e homossexual. De igual modo, é relevante observarmos o cuidado exercido sobre si mesmo, na forma como seu corpo vai ser visto e percebido/recebido pelos/as demais.

Sua narrativa traça os contornos de como podemos ser capturados pela construção de masculinidades que se pautam apenas em uma visão heteronormativa e que, desde o berço até a cova, ensinam aos seres considerados do sexo masculino como eles podem e devem ser machos. Em uma espécie de treinamento, aprendemos desde cedo que “homem não chora”, que é preciso “andar direito” e “falar grosso”. A esse respeito, Silva (2021, p. 81) elucida que “a partir do momento em que se revela ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’, começamos a acionar os nossos saberes e (re)construir

aquele sujeito, comumente pautado através das lentes da cisheteronormatividade e do binarismo de gênero”.

Também nos chamou atenção o fato do docente mencionar que as questões referentes a gêneros e sexualidades são discutidas apenas entre ele e seus colegas professores que também são gays, não percebendo, dentro dos muros escolares, ações que potencializem a discussão e a valorização das diferenças. Tal fato pode estar alinhado ao forte avanço do conservadorismo, do discurso em defesa da família heterossexual por parte de grupos fundamentalistas, religiosos e conservadores, grupos que “[...] vêm produzindo resistências no sentido de que as temáticas dos gêneros e das sexualidades não sejam abordadas nas escolas” (Gomes; Miranda, 2022, p. 2).

Retomando a narrativa do professor Ricardo, perguntamos se, em algum momento, foi interpelado por algum/a aluno/a a respeito da sua sexualidade. Ele afirmou que ainda não: “[...] a maioria dos alunos gosta da minha maneira de se expor. Eu venho tentando melhorar a minha fala. Acredito que pela fala eu posso sofrer um pouco de preconceito”. Pedimos então que ele explicasse o que sua fala tinha que poderia causar estranhamento aos/às alunos/as: “Eu observo que é um pouco afeminada. Por isso que não gosto de gravar áudio”.

Fugir aos elementos que são associados ao feminino é uma cobrança constante a sujeitos do sexo masculino, e podemos perceber como o professor Ricardo vem constantemente se observando conforme transita na escola, na sala de aula, ou mesmo no diálogo que estabelece com seus/suas alunos/as, em uma “necessidade de ‘fazer como se’, um esforço permanente para não deixar transparecer as emoções, os sentimentos, os desejos” (Eribon, 2008, p. 123). É preciso manter-se em segredo e em constante vigilância.

Ao discorrer sobre essas questões, Silva Júnior (2022, p. 47) sinaliza que tal ideal de masculinidade, entendido por Connell e Messerschmidt (2013) como masculinidades hegemônicas, instituem uma série de regras que acabam por impor aos sujeitos o que é permitido ou não: “a racionalidade, o gosto por esportes, o uso da

violência são características associadas a este modelo normativo de masculinidade relacionada ao homem branco/cristão/heterossexual/classe alta”. É a partir desse parâmetro que todos os demais serão avaliados.

Por meio de sua narrativa, podemos perceber como o universo da masculinidade hegemônica exige um modo de ser homem que não prevê a diferença, que não contempla a diversidade, mas que marca lugares possíveis de serem trilhados, distanciando-se sempre da feminilidade. Dentro dessa conjuntura, as demais masculinidades se constituem como subordinadas e marginalizadas. Conforme apontam Connell e Messerschmidt (2013, p. 261), tratam-se de masculinidades não hegemônicas que “[...] existem em tensão com, mas nunca penetram ou impactam a masculinidade hegemônica”.

Nessa mesma direção, em pesquisa realizada a respeito de vozes dissonantes, Camozzato (2020) tece considerações sobre como a voz passa por um processo de aculturação no qual atributos específicos são naturalizados como inerentes a vozes femininas ou masculinas, cabendo a esta última ser grossa, não desafinar e impor a virilidade que se espera dos homens. O caso vivenciado pelo professor Ricardo não é um dado isolado. Muitos homens gays sofrem com esse dilema e crescem ouvindo que precisam falar como homens. Desse modo, “[...] as vozes normalizadas, naturalizadas e estetizadas são as vozes que constituem um repertório vocálico que forma tanto a propriocepção do sujeito quanto sua consciência de mundo” (Camozzato, 2020, p. 263).

Não estranhamente, o professor Ricardo vem tentando modificar sua voz. Podemos inferir, a partir de sua narrativa, que a sonoridade de sua fala não condiz com a masculinidade que lhe é esperada. Sua perspectiva é não sofrer preconceitos ou ser “descoberto” em seu espaço de trabalho. Por isso, conforme ele mesmo nos diz, vem tentando modificar sua voz, na perspectiva de se distanciar do que ele considera “afeminado”. Percorrer os caminhos do anonimato funciona para ele como uma proteção necessária frente às cobranças e exigências que a heteronormatividade, a homofobia, o preconceito e a discriminação difundem no espaço público. E essas



nuances delineiam para nós um espaço social, educativo e público que ainda está em constante tensão.

A referida tensão se funda na perspectiva dos privilégios que indivíduos/as heterossexuais possuem no âmbito público. Ao nos debruçarmos sobre a experiência do professor Ricardo, podemos perceber singularidades que o diferenciam em relação aos seus pares heterossexuais. Para Ramos Filho (2023), os exemplos de tais vantagens podem ser encontrados facilmente no fato de não sofrerem preconceito ou discriminação com relação à sua sexualidade. O fato de dizer ou não aos/às seus/suas alunos/as que se é heterossexual não está em pauta na sua vivência docente, ao passo que o docente gay precisa pensar e refletir sobre todas as nuances que o dizer-se homossexual pode provocar.

### **Considerações Finais**

Refletir sobre os processos heteronormativos dos quais todos/as somos alvo cotidianamente é sempre um desafio. A narrativa do professor Ricardo elenca uma série de fatores que precisam ser tensionados em nossos estudos e pesquisas e que se relacionam com o universo da diversidade. As decisões que esse docente tem tomado se configuram como estratégias que potencializam o seu trânsito dentro dos muros escolares. Afirmamos que potencializa pois trata-se de um corpo gay transitando em um espaço educativo e, ainda que ele não verbalize ou traga esse fato à tona, ele continua sendo um corpo gay ocupando esse espaço, estabelecendo relações com os/as alunos/as, ampliando saberes e fazendo parte da instituição de ensino.

Por outra ótica, suas escolhas sinalizam para nós o quanto o ambiente educativo, enquanto reflexo do espaço social, ainda continua reproduzindo discursos heteronormativos que afetam a todos/as que adentram os seus muros. Como já mencionamos, é preciso considerar o pouco tempo de atuação do professor Ricardo, que deve estar se reconhecendo nesse lugar de professor e construindo sua identidade



docente. Todavia, é preciso ainda pensarmos na concepção de escola que ele aprendeu a ter e que o faz já se dirigir a ela se preservando, mudando o tom da voz e performando seu gênero a partir daquilo que cultural e socialmente nos ensinam que é ser homem.

Ocupar o lugar de homem heterossexual ainda é um convite que circunda o cotidiano da escola e que, para alguns, é o possível a ser feito. A nosso ver, o professor Ricardo, assim como muitos outros/as, vem fazendo o máximo que podem a partir da sua realidade. Tornar esse espaço acolhedor às diferenças e efetivamente inclusivo ainda é um desafio que, enquanto pesquisadores, precisamos reivindicar frente aos ataques que constantemente são direcionados aos/às considerados/as diferentes.

Por fim, ressaltamos a importância de pesquisas que toquem nessas questões e objetivem problematizar os princípios de normalidade que circundam o espaço social e que, via de regra, capturam os corpos em processo de adequação e normalização. Ainda bem que sempre existe a possibilidade de burlar a norma. Por isso resistimos e existimos.

### Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**. v. 7, n. 14, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em 09 jul. 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (Mais)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros Tempos**. v. 17, n. 29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v17i29.776>

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Unesp, 2022.

CAMOZZATO, Nathalia Muller. Vozes dissonantes, gênero e heterotopia. **Porto das Letras**. v. 6, n. 1, p. 250-275, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8111>. Acesso em 16 jul. 2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. Uberlândia, EDUFU, 2015.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em 8 jun. 2023.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. v. 21, n. 1, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GOMES, Joanderson de Oliveira. **Narrativas docentes**: as performances de professores gays. 2023. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

GOMES, Joanderson de Oliveira; MIRANDA, Joseval dos Reis. Gêneros e sexualidades: um olhar a partir de planos municipais de educação. **Linhas Críticas**. v. 28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/45278>. Acesso em 08 jul. 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do Currículo**. v. 2, n. 2, p. 208-230, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/4281>. Acesso em: 08 jul. 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A invenção da “ideologia de gênero”**: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.

LIMA, Adriana Santos de; SANTOS, Geam Felipe Lima; GOMES, Joanderson de Oliveira. “Eles acharam [...] que eu estava querendo influenciar os alunos e as alunas [...]” : os desafios e reflexões de uma professora lésbica. In: CASTRO, Paula Almeida de; SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. (Orgs.). **Gênero, sexualidade e educação**. Campina Grande: Realize, p. 72-89, 2022.

MARQUES JÚNIOR, Kleber Neves. **Masculinidades bicha**: trajetórias escolares das bichas no ensino médio. 2022. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>.

PINHO, Miguel Rocha de. **O corpo masculino e a masculinidade na fotografia gay**. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Fotografia) - Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2022.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. A família está em chamadas(?): razão de Estado, conservadorismo e (re)conhecimento à diferença. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 23, n. 1, p. 10-27, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.75296>.

RAMOS FILHO, Augusto Ferreira. Privilégio heteronormativo: uma reflexão a partir de vidas LGBTQIAPN+. **Diversitas Journal**. v. 8, n. 3, jul./set. p. 1509-2525. Disponível em: <https://doi.org/10.48017/dj.v8i3.2586>

SCHMIDT, Beatriz; PALLAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para uma coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**. v. 8, n. 4, out./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4877>

SILVA, José Rodolfo Lopes da. Uma escola de cidade pequena e do interior: potencialidades, práticas discursivas e não discursivas (re)construindo masculinidades. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura - REBEH**. v. 3, n. 13, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.13.11421>

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da. Masculinidades negras em disputa: um olhar sob masculinidades, raça e classe social no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura - REBEH**. v. 5, n. 2, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2022.16.13648>

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

“I've been trying to improve my speech. I believe that by speaking I can suffer a little prejudice”: is it necessary to speak “like a man” to be a teacher?

**Abstract:** This article is the result of a dissertation presented to the Graduate Program in Education at the Federal University of Paraíba - (PPGE/UFPB). For the making of this work, we stop or listen to the narratives of a gay teacher born in the city of Mamanguape/PB, in the interior of Paraíba. Our interest is to understand how a teacher who does not align with the hegemonic pattern of masculinity within the educational field has passed or passed and how the subject is constituted within this space. The study signals the strong presence of heteronormativity in the educational field and the importance of expanding research that tends to problematize the regulations of which our bodies tend to be the target.

**Keywords:** Gay teacher; Homosexuality; Narratives.

**Recebido: 26/07/2023**

**Aceito: 23/05/2024**